



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **MEMORIAL: UMA AUTO REFLEXÃO DO TRABALHO DOCENTE**

Autora: (Júlia Neves Gonçalves); Orientadora (Marcia Candeia Rodrigues)

*Universidade Federal de Campina Grande*

[aimp@reitoria.ufcg.edu.br](mailto:aimp@reitoria.ufcg.edu.br)

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que para haver uma profissionalização do ofício de professor faz-se necessário sobretudo uma prática reflexiva, o presente artigo foi idealizado com o intuito de revisar todo conhecimento adquirido ao longo de quatro anos de graduação no curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e principalmente analisar de que forma toda essa trajetória contribuiu para o desenvolvimento do nosso perfil de profissional das Letras e da Educação. Em termos metodológicos, o presente trabalho está organizado na descrição das principais experiências e reflexões vivenciadas e proporcionadas pelo curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, divididos em dois grandes eixos convergentes: o ensino e a Língua Portuguesa. Para tal procuramos nos embasar em autores de destaque no cerne dos conhecimentos pedagógicos como PIMENTA & LIMA (2004), DINIZ (2000), GÓMEZ (1998), FERRAZ & BELHOT (2010) e TARDIF (2009) e no tangente as teorias que abarcam os conhecimentos linguísticos tomamos como referências as teorias de BAKHTIN (1995), PAVEAU (2006), e FERRAREZI (2012).

Palavras-Chaves: prática reflexiva, licenciatura, Letras, Estágio, Língua Portuguesa.



## A IMPORTÂNCIA DE ESCREVER UM MEMORIAL

O estágio em um curso de Licenciatura inclui uma série de etapas, que convencionalmente acabam se concentrando em apenas duas delas; o planejamento de aulas e por conseguinte a atuação do estagiário em sala. Porém, para haver uma profissionalização do ofício de professor faz-se necessário sobretudo um outro tipo de prática: a prática reflexiva. Segundo PIMENTA & LIMA (2004):

O estágio (...) deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além de seu espaço específico de análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições. (p.54)

Se partimos dessa premissa, teremos mais maturidade para avaliar os pontos positivos e negativos sobre o nosso desempenho em sala, e autonomia para gerenciar o domínio teórico e prático dos processos de ensino e aprendizagem que adquirimos durante o curso.

Pensando na importância dessa auto reflexão do trabalho docente, nos foi solicitado como tarefa final do Estágio Supervisionado do Ensino Médio, um memorial, no qual deveríamos descrever as experiências mais relevantes durante nossa trajetória no curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande.

Configurando-se, segundo Oliveira (2005, p.121), em um “registro de ideias novas surgidas, reflexões sobre conhecimentos adquiridos e resultados de estudos e trabalhos realizados pelo memorialista”, os objetivos desse Memorial Acadêmico são; revisar todo conhecimento adquirido ao longo desses quase 4 anos de curso e principalmente analisar de que forma toda essa trajetória contribuiu para o desenvolvimento do nosso perfil de profissional das Letras e da Educação.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Seguindo essa linha de pensamento, o escopo do presente trabalho está organizado na descrição das principais experiências e reflexões vivenciadas e proporcionadas pelo curso de Letras, divididos em dois grandes eixos convergentes: o ensino e a Língua Portuguesa.

A respeito do arcabouço teórico, procuramos priorizar os autores de maior destaque no cerne dos conhecimentos pedagógicos vistos durante as disciplinas de “Fundamentos da Prática Educativa”, “Paradigmas de Ensino”, “Planejamento e Avaliação”, “Política da Educação” e é claro, dos estágios supervisionados de Língua no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, como PIMENTA & LIMA (2004), DINIZ (2000), GÓMEZ (1998) e FERRAZ & BELHOT (2010) e TARDIF (2009).

No tangente as teorias que mais enriqueceram os nossos conhecimentos linguísticos, destacamos alguns dos principais autores trabalhados em disciplinas como “Introdução à Linguística”, “Leitura e Escrita”, “Sintaxe Oracional e Interoracional”, como BAKHTIN (1995), PAVEAU (2006), e FERRAREZI (2012).

### CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA: EXPERIÊNCIAS MAIS RELEVANTES

#### **Licenciatura: um olhar além do “como ensinar” e “o que ensinar”**

A priori, refletir sobre os saberes docentes no cerne das ciências da educação e da ideologia pedagógica, ao nosso ver tomavam um espaço curricular na grade do curso que poderia ser preenchido por disciplinas que visassem os saberes da área específica do curso – a Língua Portuguesa.

Entretanto, com o tempo, começamos a perceber que o campo de atuação do docente não se restringe às situações formais de ensino e aprendizagem, ele é um profissional que precisa refletir sobre o contexto em que o ensino ocorre, de modo que a sua função reflexiva provoque nos alunos o interesse com os problemas da sociedade.

Nas palavras de DINIZ (2000), o professor:



(...) durante a sua formação inicial ou continuada, precisa compreender o próprio processo de construção e produção do conhecimento escolar, entender as diferenças e semelhanças dos processos de produção do saber científico e do saber escolar, conhecer as características da cultura escolar, saber a história da ciência e a história do ensino da ciência com que trabalha em que pontos se relacionam. (p. 47)

Partindo desse pressuposto, através de disciplinas como “Fundamentos da Prática Educativa” e “Psicologia Educacional”, o curso de Letras já no primeiro período letivo, nos deu subsídio para mensurar um parâmetro do sistema educacional no qual nós iríamos atuar futuramente e os fatores mais relevantes sobre a relação professor-aluno da atualidade.

Na primeira disciplina citada anteriormente, voltamos nosso olhar para o novo perfil de professor proposto pela implementação da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), pela qual estávamos nos formando, para assim compreendermos que as mudanças na educação dos últimos 10 anos iam desde à formação de profissionais de ensino até a reforma do projeto pedagógico da Educação Básica.

GÓMEZ (1998), fundamenta-se em Zeichner (1990a) para definir as exigências de ensino e currículo do professor da pós-modernidade. Segundo o autor, estamos vivenciando uma “perspectiva de reconstrução social”, e que dentro deste enfoque os programas de formação docente valorizam três aspectos fundamentais. São eles:

(...) a aquisição por arte do docente de uma bagagem cultural de clara orientação política e social. O desenvolvimento de capacidades de reflexão crítica sobre a prática, para desmascarar as influências ocultas da ideologia dominante e o desenvolvimento das atitudes que requer o compromisso político do professor/a como intelectual transformador na aula, na escola e no contexto social. (p. 374)

Ao se pensar nessa perspectiva, percebemos como houve um avanço do período em que estivemos na posição de aluno durante boa parte da nossa Educação Básica, na medida em que não havia essa preocupação do professor promover uma interdisciplinaridade do ensino, pelo contrário, a maioria dos professores ainda mantinham o apego à tradição didática, baseada na quantidade excessiva de conteúdo e na habilidade de memorização por parte do aluno.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Tomando como exemplo, poucos professores com os quais convivi em toda minha vida escolar e com a experiência dos estágios, que o conteúdo é mais aceito pelo o aluno, quando é despertado neste sua capacidade de entender e intervir sobre a seleção do que está sendo abordado, sobretudo, estabelecendo nexos com o seu contexto sócio cultural.

Durante as demais disciplinas vistas ao decorrer do curso, pude perceber como não podemos separar o eixo “ensino” do eixo “Língua Portuguesa”, pois algumas disciplinas de conteúdo específico, visavam uma metodologia com foco na sala de aula em contrapartida à Gramática Tradicional. Uma das primeiras experiências, que desconstruiu todo conceito que nós tínhamos de Língua, foi em Introdução à Linguística. Fomos apresentados a estudiosos como Marcuschi, Bakhtin, Benveniste, Castilho, entre outros e a partir de suas contribuições teóricas, percebemos de que forma chegamos ao paradigma funcionalista dos estudos linguísticos atuais.

Segundo Bakhtin (1995, p.124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.” A partir daí, o estudo da língua decorre da ligação entre as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.

Este momento nos dá brechas para comentar a disciplina TEL Gramática, pois mediante à mesma, pudemos nos enxergar como professores de Gramática, longe dos moldes tradicionalistas. Desmistificar a língua vista em categorias fechadas e presas à exemplos descontextualizados é uma tarefa desafiadora e inevitável, ao passarmos pelos estágios.

Essa disciplina foi de grande importância nesse sentido, pois entendemos que para analisarmos as partes de um enunciado, a significação do mesmo é mais relevante que a própria estrutura linguística. De acordo com Paveau (2006, p.187), “o conceito de frase como terreno de análise é descartado em proveito do conceito de enunciado, que permite englobar todas as produções do sujeito falante, tanto orais como escritas.”



Em se tratando das disciplinas de Sintaxe – Oracional e Interoracional, confessamos que foram as que mais tivemos dificuldades para estabelecer um fio condutor entre o que nós estudávamos e o que nós iríamos aproveitar como professores de Língua Portuguesa.

Ferrarezi (2012, p.13) contesta que “o ensino da Sintaxe na educação básica não acompanhou os avanços da matéria no âmbito dos estudos linguísticos mais modernos”, pois ainda encontramos - e pudemos comprovar, alunos que nunca ouviram falar sobre Sintaxe, mesmo estando no 2º ano do Ensino Médio.

O livro “Sintaxe para a educação básica”, nos abriu novos horizontes, na proporção em que abandonamos as Gramáticas por alguns instantes e descobrimos que existem outros caminhos para se estudar essa modalidade dos estudos linguísticos. Por exemplo, na seção “Os diferentes tipos de sintagmas”, apresenta o que na NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) considera, na sentença, como termos integrantes, acessórios e o vocativo. O leitor observará bastantes distinções, entre as prescrições da gramática tradicional, da forma como Ferrarezi Junior propõe descrever essa parte da análise sintática. Certamente, esse é um livro para recorrermos nas aulas de análise linguística, a fim de torná-la um momento produtivo de aprendizagem do funcionamento sintático de nosso vernáculo.

### **Estágios de Língua Ensino Fundamental e Ensino Médio: da frustração à satisfação**

Quando o presente trabalho foi solicitado em sala, com a intenção de descrever as experiências mais relevantes no processo da nossa formação como professora de Língua Portuguesa, de imediato pensamos nos Estágios de Língua. Pois sem sombra de dúvidas, foram as experiências que definitivamente nos introduziram na realidade crua da nossa profissão, com seus mais variados impasses e desafios.

Se pudéssemos resumir o nosso primeiro Estágio em uma palavra, nós diríamos: frustração. Visto que do início ao fim, ele desencadeou uma série de problemas, com os quais não soubemos lhe dar e o resultado final foi o mais deprimente possível: a reprovação. O





primeiro problema enfrentado foi; sair da posição de aluno para professor, desafio para o qual nós não nos sentíamos preparados.

Partindo dessa problemática, nos reportamos para as teorias vistas no próprio Estágio I sobre a relação conflituosa entre teoria e prática na formação dos cursos de Licenciaturas. De acordo com PIMENTA & LIMA (2004) o estágio deve ser pensado:

(...) em propostas alternando os momentos de formação dos estudantes na universidade e no campo de estágio. (...) teoria e prática estão presentes tanto nas universidades quanto nas instituições-campo. O desafio é proceder ao intercâmbio, durante o processo formativo, entre o que se teoriza e o que se pratica em ambas. (p.57)

Como podemos observar, o desafio entre experimentar e realizar, na prática, todo conhecimento teórico adquirido durante a formação acadêmica é uma tarefa que exige principalmente uma reflexão sobre a nossa *ação* (que diz dos sujeitos) e um envolvimento sobre a realidade que envolve o espaço escolar onde atuaremos. Só assim, seremos capazes de escolher objetivos, finalidades e meios que orientem o sucesso da nossa ação.

Partindo dessa premissa, acreditamos que nos faltou um pouco de clareza sobre os objetivos traçados para aquela turma em específico, na medida em que houve um planejamento de conteúdos e objetivos que acabaram não sendo alcançados. E no final, percebemos que aquela Sequência Didática teria surtido mais efeito em uma turma que estivesse em um nível escolar à cima. Nas palavras de Ferraz & Belhot (2010, p.422), “os educadores almejam que seus alunos atinjam um nível de maturidade de conhecimento muitas vezes incompatível com os objetivos declarados e com os procedimentos, estratégias e conteúdos utilizados e ministrados.”

Apesar das frustrações, esse Estágio acabou se transformando em uma lição de vida da qual pudemos adquirir experiências tanto no âmbito pessoal, quanto no âmbito profissional, e passamos a ter uma postura mais atuante no envolvimento com o curso em si e com o contexto social pedagógico.



Eis que chegamos ao Estágio II de Língua e diferentemente do anterior, neste nos sentimos mais confiante e preparados para enfrentar as eventuais dificuldades. A primeira delas foi a questão do tempo, pois havia uma diferença entre os calendários letivos da escola e da Universidade, outra se deu pelo fato de ficarmos com uma turma do período vespertino, por falta de opções no período diurno. Porém, apesar do pouco tempo, ainda tivemos a oportunidade de estabelecer discussões sobre essa fase da educação básica que comporta um público crítico e de opinião formada que está prestes à adentrar em um curso superior ou no mercado de trabalho.

Trabalhar com jovens não nos intimidou, pelo contrário, pudemos comprovar com experiências anteriores à esse Estágio que temos uma verdadeira empatia com alunos do Ensino Médio e essa afinidade ganhou mais respaldo através desta prática.

A ideia central que orientou o sucesso do nosso trabalho, foi basicamente: o conhecimento da turma. Percebemos que havia uma necessidade de encontrarmos subsídios para chamar a atenção de uma turma de jovens dispersos, mas com grande potencial.

Com os conteúdos linguísticos escolhidos – as classes gramaticais variáveis, nós precisávamos naquele momento, escolher uma temática que desse margem à discussões e a participação efetiva de todos os alunos na aula.

Dessa forma nos veio a ideia de trabalhar “a participação do jovem na política”, pois além de ter uma relação com a temática trabalhada nas aulas da estagiária anterior, levamos em conta a atualidade da reflexão devido às recentes eleições e o fato de estar lhe dando com jovens com idade para votar e maturidade para opinar sobre essa e outras temáticas de cunho sócio-político.

Dessa forma, ao dar voz àqueles alunos e muitas vezes convidar cada um para expor seu ponto de vista sobre uma música, uma notícia, um artigo de opinião e assim por diante,





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sobre um assunto presente na vida de cada um, despertou o interesse e suscitou calorosas discussões e reflexões sobre a temática.

A respeito do mundo do jovem mudar mais depressa que a escola, TARDIF (2009) afirma que:

Se tradicionalmente, o professor servia de mediador entre o aluno e os conhecimentos sociais transformados em conhecimentos escolares, essa mediação, hoje, tende a se pluralizar e relativizar-se: o professor é um mediador de conhecimentos entre muitos outros. Os conhecimentos não se limitam mais aos conhecimentos escolares. As crianças estão mais informadas sobre toda espécie de assuntos. (p. 145)

Isto é, perceber que a visão do professor como detentor de conhecimentos, que está ali para transmiti-los e os alunos aprenderem, além de ser ultrapassada, é utópica. A relação que se estabelece é mútua, precisamos entendê-los, para podermos ser entendidos e precisamos ouvi-los para sermos ouvidos.

Durante 1 mês em sala de aula, estabelecemos um vínculo com os alunos que ultrapassou qualquer tipo de expectativa. Ouvir deles, que gostavam das nossas aulas e que deveríamos ficar mais tempo dando aula pra eles, foi SATISFATÓRIO. Todos demonstraram ter habilidades que só precisavam ser estimuladas, e mesmo com o alto índice de deficiência na escrita, percebemos que eles sabiam se expressar e que só faltava uma contextualização das ideias através da escrita. Concluímos que a experiência desse estágio foi extremamente rica, pois de certa forma, contribuímos na mesma proporção em que adquirimos mais experiência. E no fim percebemos que o trabalho do professor é suscetível à mudanças repentinas e que precisamos estar preparados para tais, sempre procurando adaptar nosso planejamento aos limites e as dificuldades da nossa turma, pois ensinar é uma troca mútua de experiências e saber.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## CONCLUSÃO

*Trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos. Esta impregnação sobre o “objeto humano” merece ser problematizada, pois ela é o coração da profissão docente. Claude Lessard, 2009, p.141*

Quando perguntados pela professora da referente disciplina de Estágio, se após as aulas ministradas na escola Ademar Veloso da Silveira, nós nos enxergávamos como professores de Ensino Médio, respondemos que: “SIM, definitivamente SIM”.

Hoje podemos dizer, que nos enxergamos além de professores de Língua Portuguesa, pois a nossa formação vai além dessa premissa. O nosso papel social ultrapassa a relação de ensinar e aprender e se configura em um processamento de intervenção no contexto sócio-político em que atuamos – a escola e seus sujeitos.

Através da citação de LESSARD (2009), concluímos que o sucesso do trabalho docente, está inteiramente interligado com a relação que construímos com os nossos alunos. Devemos conhecer e insistir nas suas dificuldades, e não simplesmente ignorá-las e passar adiante, além, de valorizar suas qualidades e aumentar sua autoestima. Quando isso acontece, estamos contribuindo não só para o enriquecimento do conhecimento linguístico do aluno, mas sobretudo para a formação de seu caráter de cidadão reflexivo e atuante no cenário político-social do país.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. Rev. Técnica: José CerchiFusari. São Paulo: Cortez, 2004.

GIMENO SACRISTÁN, J. Plano de currículo, plano de ensino: o papel dos/as professores/as. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. Sintaxe para a educação básica. Com sugestões didáticas, exercícios e respostas. São Paulo: Contexto, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

PAVEAU, Marie-Anne. As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática/ Marie-Anne Paveau, Georges-Elia Sarfati; Trad. M. R. Gregolin et al. – São Carlos: Claraluz, 2006.

FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti, BELHOT, Renato Vairo. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para a definição de objetivos instrucionais. Gest. Prod., São Carlos, v. 17, n.2, p.421-431, 2010

TARDIF, Maurice. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas/ Maurice Tardif, Claude Lessard; tradução de João Batista Kreuch. 5. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Orientações para produção do memorial de atividades acadêmico-científico-culturais. UFSC. Disponível em: <http://lv.cce.ufsc.br/files/2012/06/ACC-Presencial.pdf> - Acesso em 12 de Março de 2015.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO